

FOLKCOMUNICAÇÃO E ANCESTRALIDADE:¹ **O Bordado em Conexão com a Alma**

Cristina Schmidt²

RESUMO

Bordado é folkcomunicação das vivências individuais e coletivas. Por meio dele surgem imagens do dia a dia, histórias, mitologias, sentimentos. Buscou-se estudar o bordado como processo folkcomunicacional atuando como facilitador no acesso a conteúdos ancestrais, e contribuindo com o processo de autoconhecimento. Com abordagem qualitativa e o método descritivo, fez levantamento bibliográfico e documental. Para a análise, utilizou os fundamentos da Folkcomunicação e da Psicologia Analítica. Os resultados mostram o bordado como importante recurso expressivo para reflexão e conhecimento individual e coletivo buscando referências ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Bordado, Folkcomunicação, Psicologia Analítica.

INTRODUÇÃO

Bordado é folkcomunicação que expressa vivências individuais e coletivas. Por meio dele surgem imagens do dia-a-dia, de histórias, de mitologias, de sentimentos. É a vida representada em materiais e suportes diversos como tecidos, telas, papéis, madeira, folhagens; num processo de entrelaçar com a agulha utilizando fios de algodão, de seda, de prata ou ouro, pedrarias, miçangas, sementes. Existem múltiplas possibilidades para expressar-se com essa arte de modo a estimular reflexões e construir representações do momento vivido por quem borda, configurando-se uma potente linguagem.

O conceito do bordado está relacionado ao fazer manual como expressão artística, mas antes como manifestação cultural³. Essa ideia do bordar a mão traz consigo o espírito

¹ Trabalho apresentado para o GT 4: Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, Estágio Pós-Doutoral em Comunicação para o Desenvolvimento Regional pela Cátedra UNESCO/UMESP, Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação – UMEP, Especialista em Psicologia Analítica e Arteterapia – IJEP/FAPCOM. Pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Cibermuseus – GREC - PPG Museologia/UFBA. Professora na Faculdade Bertioga. Diretora Regional Sudeste da Rede Folkcom. E-mail: cris_schmidt@uol.com.br.

³ A origem etimológica da palavra bordado está ligada ao sentido de entrelaçar, tecer com agulha entre os fios, entre ou sobre o que já está tecido. Por muito tempo o bordar foi nomeado como brollar e esteve ligado

do tempo em que mulheres se reuniam para a tessitura da conversa, do aprendizado da prenda entremeado por gestos e sentimentos. Momentos coletivos de trocas se contrapondo a momentos individuais de silêncios e muita solidão. Em ambas as situações a agulha é o instrumento que vai permeando o tecido em cada ponto, seguindo o risco, numa ocasião extraordinária que é o da criação, entretecendo o tempo da técnica com o da alma (Chronos e Kairós).

O bordar exige uma prontidão pessoal para o processo criativo, seguido de um longo período para sua execução, requerendo disposição para o desenvolvimento completo do trabalho que inicia com a revelação do que, de como e para que bordar. Uma grande tela simbólica é acionada a partir do momento da escolha do tema, do risco do bordado e dos materiais que serão utilizados. São eles que vão demarcar o caminho rascunhado no tecido, vão dar forma, densidade, tonalidades. A agulha representa o foco e a conexão. É ela que faz o entremear dos pontos e conduz a linha no caminho. Agulhas são símbolos ancestrais, elas marcam diferentes situações que vão das práticas diárias do costurar e cerzir como profissão ou em contos clássicos como o da “Cinderela”, ou no conto “A costureira das Fadas” de Monteiro Lobato, e também no “A moça Tecelã” de Marina Colassanti; assim como o ato de tecer, ou do fiar e do bordar que aparecem em diferentes mitos como o de Aracne, o das Três Moiras, e o de Penélope.

O bordado é um meio artístico que permite uma imersão nas experiências humanas, conectando arquétipos, expressando símbolos ponto-a-ponto. Assim, o processo de bordar de cada um que se põe a ornar um tema pode emitir informações a respeito de si, de sua gente, de sua localidade, e consequentemente de todo patrimônio ancestral.

Esse fazer artístico gera um movimento pessoal mobilizador de modo que o bordador se envolva intensamente com as técnicas, mas principalmente seja tomado pelos aspectos socioemocionais que esse processo folkcomunicacional provoca. É nessa medida que consideramos o bordado uma folkcomunicação potente, uma arte e expressão criativa, indo ao encontro do que a psicologia analítica considera de forma mais legítima

ao sentido de ornar, colocar ornamentos como pedrarias e pérolas, fios de prata ou de ouro em vestimentas, tapetes, cortinas e enxovais. Lexicamente a palavra sofreu alterações e o borda+ar trouxe também o significado de estar à borda, margear, delimitar. (Pereira, 2023).

da manifestação do inconsciente, motivando o processo de autoconhecimento (Jung, 2013).

OBJETIVOS

O objetivo principal desse trabalho é estudar o bordado como processo folkcomunicacional atuando como facilitador no acesso a conteúdos ancestrais, e contribuindo com o processo de autoconhecimento. A partir daí, como objetivos específicos, fazer levantamento dos fundamentos da Folkcomunicação, da Psicologia Analítica e da Arteterapia; apresentar o bordado como linguagem individual e coletiva; e, refletir sobre o bordado enquanto processo facilitador para o conhecimento individual e coletivo.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Esta pesquisa tem natureza qualitativa por analisar os aspectos subjetivos de uma expressão artística particular, o bordado, recorrendo a fundamentos da folkcomunicação e da psicologia analítica. Para tanto, o desenvolvimento do estudo iniciou por meio do método fenomenológico a fim de compreender o objeto em sua realidade ou aparência, “aquilo que é visto diante da consciência [...] e que procura captar o essencial” (Gil, 2008, p.33). “A fenomenologia não se preocupa com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno, só visa ao dado, sem querer decidir se este dado é uma realidade ou uma aparência: haja o que houver, a coisa está aí” (Gil, 2008, p.33). E, quanto aos objetivos, o estudo seguiu com as finalidades do método exploratório e caminhou para uma análise descritiva com exemplos de grupos de bordadeiras (os) para apresentar os processos de folkcomunicação e interpretar seus desdobramentos à luz das teorias de Jung.

A investigação foi feita com os procedimentos de levantamento bibliográfico e documental. O primeiro significa que foram coletados materiais já elaborados e publicados em livros, revistas científicas, sítios acadêmicos. O segundo procedimento implicou em coletar documentos que registram Bordados em fotos, matérias jornalísticas, vídeos. O levantamento documental foi complementar ao método bibliográfico e trouxe informações ilustrativas acerca do objeto, “materiais que não receberam ainda um

tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 2008, p.73).

Para isso, foi importante retomar os conceitos iniciais de Luiz Beltrão e evidenciar como o objeto estudado está situado precisamente dentro do “Sistema da Folkcomunicação”. Pois, ao categorizar o bordado como um meio comunicacional está considerando-o uma expressão articulada no “processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Beltrão, 1971, p15). As informações veiculadas são comunicações específicas ao contexto transmitindo mensagens importantes para o grupo e que estão em consonância com seu processo sócio histórico. Nesse sentido, o bordado pode ser considerado como um meio próprio de expressão por meio do qual cada bordadeira (o) pode entender-se e fazer-se entender no grupo ou individualmente.

E como base para uma análise socioemocional do processo do bordar e a conexão com a alma ancestral foi adotado os princípios da psicologia analítica de C. G. Jung no que se refere à arte como expressão criativa e reveladora de aspectos inconscientes do indivíduo. Jung (2013b) considera o processo criativo como essência viva do espírito humano, uma força motivadora dos processos emocionais, em que é possível trabalhar com questões que vão além do espírito da época, é olhar para as manifestações como essenciais para facilitar a compreensão, o posicionamento e a realização da alma.

CONTEXTO

Nas civilizações antigas o bordado esteve presente como uma atividade praticada por homens, com produções realizadas para grupos sociais de elevado poder: militares, religiosos, nobreza; enquanto as mulheres ficavam mais restritas aos bordados domésticos e para os camponeses. Na Idade Moderna essas manualidades foram tratadas como afazeres de mulheres para sua formação como boa “esposa e mãe”, a decorar ambientes e ornar vestimentas domésticas e religiosas, e se restringiam a espaços domésticos e anônimos (Pereira, 2023).

Na contemporaneidade surgiram outras iniciativas com diferentes finalidades como o trabalho familiar e empreendedor do grupo Matizes Dumont, que resgata cultura, oferece cursos, organiza cooperativas, ilustra livros. Existem grupos que bordam a partir

de obras literárias; ou temáticas como ecologia e educação; e outros ainda vêm consolidando ações voltadas à integração social de idosos, de detentos, e de outros segmentos vulneráveis.

O bordado também é usado como suporte para manifestação política, como o bordado chileno arpíllera, feito coletivamente por mulheres para protestar, resistir, ressignificar as atrocidades da ditadura militar daquele país. Recentemente, no Brasil essa técnica foi adotada pelo movimento Mulheres Atingidas por Barragens (MAB)⁴ para expressar seus sentimentos e lutar por seus direitos. Outra proposta em bordado livre é utilizado em ações feministas como os grupos Linhas de Sampa, Linhas de Minas, Clube do Bordado e que veem nessa arte uma expressão transgressora. (Schmidt, 2022a)

Também existe o bordado como expressão de fé, que aparecem como ex-votos bordados, e são realizados em homenagens aos Santos por um milagre alcançado e são depositados em Igrejas, cemitérios, salas de milagres, ou ainda como exposição de arte em museus e casas de cultura. Esse foi o caso das bordadeiras e bordadeiros do “Mãos que Bordam”, um ateliê de Minas Gerais que reuniu dezenas de artistas para expressar sua fé por meio do bordado, e os trabalhos percorreram diversas cidades mineiras em exposições conjuntas com orquestras, grupos de teatro, e saraus literários. Uma expressão legítima de folkcomunicação, com um processo potente de resgate ancestral e autoconhecimento.

Essas confecções mais recentes de bordado permitem aos artistas (comunicadores de folk) expressarem as realidades vivenciadas nos mais variados ambientes e relações. Os bordados são a linguagem da alma ancestral que materializa as vozes reprimidas e silenciadas. Isso demonstra a relevância em estudar o bordado como uma expressão folkcomunicacional que pode ser utilizado como forma de conhecer aspectos socioemocionais que o envolvem, ligados a problemáticas culturais.

Portanto, tomar o bordado como objeto de estudo aproximando Folkcomunicação ao campo da Psicologia Analítica conjuga-se na medida em que tal expressão pode ser compreendida como uma relação que baseia-se no fato de uma manifestação cultural ser

⁴ O documentário “Arpílleras: atingidas por barragens bordando resistência” relata a experiência de mulheres que tiveram suas vidas impactadas por barragens e utilizam o bordado coletivo como forma de registro, conscientização e superação do trauma. Está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

uma atividade que envolve muitos aspectos, dentre eles os subjetivos e emocionais; além do que, como atividade humana pode ser submetida a considerações de cunho psicológico (Jung, 2013).

CONSIDERAÇÕES

Podemos considerar que esses grupos de bordados estudados podem ser compreendidos como grupos marginalizados que ressignificam a estrutura social e suas relações apresentando uma visão própria, consonante com seus processos sócio históricos. Muitas vezes, tal percepção e interpretação da realidade diferem-se da visão “dominante” e institucionalizada.

Consideramos também que essa expressão artística está vinculada à prática cotidiana e aí estão localizados os emissores e receptores, individuais ou coletivos, voltados a transmitir suas mensagens “em linguagem própria a sua audiência”, pois têm como objetivo comunicar-se “com um mundo” específico de convivência. Nesse estudo fica evidenciado o papel do agente comunicador que são as (os) bordadeiras (os), e a folkmídia que são os bordados. Ambos estão imersos em um contexto com referências ancestrais e contemporâneas, que são atravessados pelos conteúdos comunicacionais característicos de cada experiência e vivência coletiva e individual.

Tomando o bordado como suporte informacional, podemos dizer que tal processo revela uma necessidade de conhecer e registrar seu ambiente para se posicionar diante de fatores importantes no momento presente e contribuir com as transformações futuras. Trata-se de uma manifestação artística que constitui um processo de comunicação das necessidades individuais e coletivas através de um sistema simbólico singular ao grupo que se comunica, e universal enquanto arte e ancestralidade. Portanto, assim como a arte de modo mais amplo, o bordado enquanto suporte informacional imprime mensagens no presente, é capaz de transcender sua individualidade e atingir o coletivo (Schmidt, 2022a).

Portanto, o bordado mostra-se como importante recurso de reflexão e conhecimento individual e coletivo. Ele proporciona uma vivência em que o indivíduo se relaciona naturalmente com o simbólico permitindo um processo de conhecimento. O bordar é uma forma de expressão que se conecta ao princípio criativo; princípio esse que para Jung (2013) permeia tudo no fluxo da vida, e permite a quem toma a postura criativa

acessar seus recursos ancestrais para ir ao encontro da alma. Um processo que revela referências universais, arquétipos que atuam como mediadores nas escolhas dos elementos para a confecção da obra.

E, na elaboração dessas manualidades expressivas, na manipulação dos materiais para os bordados e na confecção do objeto artístico em si que atuam as referências arquetípicas como facilitadoras no acesso aos conteúdos ancestrais, trazendo-os à consciência, permitindo integrar essas referências do passado às estratégias e posturas do presente de modo mais ciente e formador de um futuro.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Editora Global, 2004.
- DINIZ, Lígia. **Arte linguagem da alma**: arterapia e psicologia junguiana. RJ: Wak Editora, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
_____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PEREIRA, Maria do Carmo. **Bordado**: sua história e seus silêncios. BH/MG: Miguilim, 2023.
- SCHMIDT, Cristina. **Resistência ponto-a-ponto**: o bordado político como suporte midiático de luta contra a desinformação. Trabalho apresentado no GP 18 – Folkcomunicação. ANAIS - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa/PA. 2022a. Disponível em <https://portalintercom.org.br/congresso-nacional/2022-anais/> Acesso em 28 jun. 2025.
_____. **Bordando histórias, pontuando o futuro**: arte popular como processo folkcomunicacional de ativismo e construção de patrimônio. Trabalho apresentado no DTI 14 – Estudos de Folkcomunicação, ANAIS XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação – IBERCOM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ PT, 2022b.